

SEGREDOS
ESCONDIDOS EM
CAIXAS
DE SAPATOS

FELIPE SALI

SEGREDOS
ESCONDIDOS
EM
CAIXAS
DE **SAPATOS**

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © Felipe Sali, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao autor e ao Grupo Editorial Coerência.
Direitos desta edição negociados pela Authoria Agência Literária & Studio.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Fernanda Dias

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Yasmin Ayumi

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Sali, Felipe.
Segredos escondidos em caixas de sapatos / Felipe Sali. – 1ª edição –
São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-87-9

1. Ficção brasileira 2. Literatura juvenil I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

*Este livro é dedicado aos fãs que estão morrendo de ciúme
agora que mais gente vai conhecer Ick.*

AGRADECIMENTOS

Nada causa mais nervosismo do que escrever os agradecimentos de um livro e depois perceber que se esqueceu de alguém. Tenho pesadelos com isso, mas vou fazer o meu melhor.

Agradeço a Alessandra Ruiz e a todo pessoal da agência Authoria, especialmente a Carol Minardi, que leu este livro com tanta atenção. A Lilian Vaccaro pela paciência comigo enquanto reescrevia a trigésima versão do livro, que já deveria estar pronto, e a toda equipe da editora Coerência.

Ao Wattpad, por ser uma plataforma incrível que permitiu a realização dos meus sonhos. Ainda quero fazer *muita* coisa com vocês.

Ao pessoal do *Jornal Joca* e toda a equipe da revista *Mundo estranho*, que já acabou, mas se mantém viva no nosso grupo do WhatsApp. A Marcel Nadale, do canal *Gay nerd*, por ser meu ídolo. A Yasmin Ayumi, que trabalhou comigo na ME e fez a capa maravilhosa deste livro.

A Pedro Chagas Freitas, que, mesmo sendo o autor número um de vendas em diversos países, sempre foi atencioso comigo e separou um tempo para escrever o prefácio.

Aos meus pais, que suaram a camisa costurando roupas e vendendo travesseiros na rua para que hoje eu tenha o privilégio de trabalhar fazendo o que gosto do conforto do sofá de casa.

À minha irmã, por ser uma pessoa maravilhosa, e a toda minha família – especialmente minhas tias, que devem ter sido as primeiras pessoas a comprarem o livro.

A Rodrigo, Franklin, Tainã e Vinicius, que dividiram um apartamento sem móveis comigo assim que me mudei para São Paulo e fizeram parte da minha primeira vaquinha para comprar uma geladeira usada.

A Cássia Carrenho e a todo o pessoal da LabPub pelo apoio que me deram. A Bruno Crispim pelas horas de conversa. E a todos os meus leitores que participam de grupos na internet, criam perfis de fã clube, desenham *fanarts* e me apoiam incondicionalmente. Eu já teria desistido há muito tempo sem esse carinho. Vocês sabem quem são.

Agradeço especialmente a Tainã – sei que esse nome já apareceu aqui nos agradecimentos, mas são pessoas diferentes –, o amor da minha vida, a melhor pessoa do universo, que me apoiou nos momentos mais difíceis e fez acontecer os mais felizes. Estou ansioso para ficar velhinho ao seu lado.

PREFÁCIO

SEGREDOS ESCONDIDOS (EM CAIXAS DE TALENTOS)

Felipe Sali é um cérebro com gente dentro. Ou uma pessoa com uma mente dentro. Ou simplesmente um escritor na acepção mais ampla que lhe pudermos dar. Assim mesmo: escritor. Em letras garrafais: ESCRITOR.

Na sua mente, por meio das suas palavras, andam mundos mais ou menos estranhos, mais ou menos poéticos, mais ou menos desconcertantes — mas sempre profundamente intimistas, capazes de nos fazer chegar lá: ao fundo da narrativa, onde muito poucos conseguem chegar.

Este livro, esta caixa de segredos, é em si mesmo um mundo dentro de uma caixa — dentro da caixa mágica que sempre foi, e deve ser, e sempre será, o livro.

Nela, nele, há esse poder raro de nos tocar no que temos, mas não sabíamos que tínhamos, em nós. O que no fundo faz o que somos é isto: o que não sabemos que somos — e que não conseguimos deixar de ser.

Há, mais ainda, algo atemporal, algo sem geografia, sem espaço definido — uma obra que, seja onde for, seja quando for, conseguirá esse desígnio maior. Chamam de literatura; eu chamo de amor.

Deixem-se apaixonar.

PEDRO CHAGAS FREITAS,

autor de *Prometo falhar* e responsável por mais de um milhão de cópias vendidas ao redor do mundo.

INTRODUÇÃO

Este livro levou doze anos para ficar pronto.

A primeira vez que esbocei as desventuras de Ick eu tinha por volta de dezessete anos. Estava no último ano do ensino médio, entrando na vida adulta e não poderia estar mais confuso. Naquela época, ouvi muitas sugestões sobre que tipo de adulto e, principalmente, que tipo de *homem* deveria me tornar, mas algo parecia não se encaixar direito. Coloquei tudo isso no papel e, assim, nasceu o primeiro rascunho.

Um ano depois, já querendo me tornar autor profissional, reescrevi a obra para tentar convencer alguma editora a me publicar. Praticamente todo CNPJ editorial do Brasil me recusou.

Um ou dois anos depois reescrevi mais uma versão para lançar no Wattpad — plataforma de autopublicação —, onde a história fez muito sucesso — quase um milhão de leituras — com o nome de *Ick Perspectiva*. Isso me animou a escrever mais duas versões da mesma história no ano seguinte.

Desde então, à medida que ia me profissionalizando, sempre voltava a mexer um pouquinho no livro. Aprendi sobre estrutura, tema, diálogo, enredo, e tudo isso influenciou nas mudanças que a história sofreu. Passou-se tanto tempo que até precisei alterar detalhes socialmente problemáticos da história, que não pareciam

errados na época. Cheguei ao ponto de imaginar que talvez estivesse fadado a visitar Ick até o fim dos meus dias.

Depois que assinei o contrato de publicação, sentei a bunda na cadeira e me forcei a escrever a versão definitiva. Esta é a que você tem em mãos neste momento.

Nunca mais terei a oportunidade de escrever algo no calor do momento, sobre como é ser jovem, e depois conseguir estruturar e lapidar com a experiência de um adulto ao longo de tanto tempo. É o melhor dos dois mundos. Um privilégio. E sou muito grato por isso.

Agora, vamos falar sobre o elefante na sala: sim, eu fui um adolescente que escrevia poesias e escondia do mundo, exatamente como o personagem principal da história. Mas você não fará nenhum favor, nem a você e nem ao livro, se passar as próximas páginas tentando adivinhar o que é real e o que é ficção.

Por exemplo, em dado momento, o livro falará sobre a lenda de um rei e seus sábios cuja origem eu desconheço. Passei anos pesquisando e, exceto por um post de blog dizendo que tem origem na tradição sufi, continua um mistério para mim. Tudo que sei é que alguém contou para um amigo meu e isso fez bem a ele. Então ele me contou e isso me fez bem. Agora, estou contando a você, pois quero o seu bem.

Estou feliz por, finalmente, terminar de escrever Ick. Ele merecia isso. Este é um capítulo da minha vida se encerrando da forma mais bonita possível.

Espero que goste dos meus últimos doze anos.

Atenciosamente,
FELIPE SALI

UM

Não quero ser injusto com outros parentes, mas tio Otávio foi especial para mim. Era o único que parava para assistir aos desenhos comigo nas manhãs de sábado e gostava tanto quanto eu. Também era ele quem me dava chocolate escondido antes do almoço e comprava os bonecos do *Pokémon* e das *Tartarugas ninja* que eu sempre queria.

Os outros membros da família também pareciam sentir algo especial por ele. Fazia piadas que arrancavam risadas de todos, mesmo quando não eram engraçadas. Eram tantas gracinhas que, quando chegava em algum lugar, as pessoas apenas começavam a rir. Sua presença já era o suficiente.

No meu aniversário de dez anos, ele me deu um livro do Fernando Pessoa e disse que não era possível confiar em um homem que não lia poesia. Fui apresentado a todos os seus filmes favoritos: *Cantando na chuva*, *Central do Brasil*, *Taxi driver*, *Abril despedaçado*, *Clube dos cinco*, *The rocky horror picture show*... nada era antigo demais, maduro demais ou estranho demais que não pudesse ser mostrado para mim.

Tio Otávio era um amigo, alguém que eu admirava. Nunca o vi triste, cabisbaixo ou bravo.

Um dia, o telefone de casa tocou e a minha mãe atendeu. Era a época em que ainda tínhamos aquele telefone fixo branco, que se confundia com os eletrodomésticos da sala.

Quando a ligação acabou, minha mãe estava com o olhar vago. Sentou-se no sofá e ficou quieta por um tempão, com os braços e pernas cruzados. Fiquei preocupado, mas quando perguntei o que havia acontecido, ela só começou a chorar. Meu pai me mandou para o meu quarto.

Deitei-me na cama e peguei meu boneco do Ikki de Fênix, dos *Cavaleiros do zodíaco* — não conhecia o desenho, mas ganhara o brinquedo por causa do meu apelido. Estava com doze anos e não brincava mais com aquele boneco, mas gostava de olhar para ele.

Vi a porta se abrindo e meu pai entrou. Sentou-se na ponta da cama e falou comigo como se eu já fosse um adulto. Sempre me tratava assim.

— Seu tio Otávio foi diagnosticado com câncer no pulmão — disse, sem rodeios. — Isso é bem sério — completou, sem necessidade.



Um mês depois da notícia, tio Otávio e sua esposa apareceram em casa para uma macarronada de domingo. Esperei que ele estivesse diferente de alguma forma, mas parecia o mesmo. A tia Antonieta, por outro lado, estava com olheiras enormes e o cansaço era visível. Reclamou de como o marido demorara para largar o cigarro, mesmo depois do diagnóstico.

— Fiquei tão preocupado em saber que tenho câncer no pulmão que tive que acender um cigarro para me acalmar — defendeu-se.

As visitas se tornaram cada vez menos frequentes, até o dia em que deixaram de acontecer. Dizia para a minha mãe que gostaria de vê-los, mas ela sempre respondia que não havia tempo para isso. Demorei a entender que meus pais iam à casa de meu tio escondidos de mim.



No terceiro dia de maio, minha mãe me acordou cedo.

— Ícaro, toma banho rápido e se veste. Você vai com a gente visitar o tio Otávio.

Não questione, porque daquela vez ela decidira que eu poderia ir também.

No carro, estranhei o trajeto. Não reconhecia nenhuma daquelas ruas. Deduzi que estávamos a caminho da casa dele, mas, na verdade, íamos para o hospital, sua nova casa.

Se da outra vez ele parecia o mesmo, dessa aparentava lutar para permanecer o mesmo. Estava muito mais fraco, careca e respirava com a ajuda de aparelhos.

Ainda assim, sorriu ao me ver.

Fez uma saudação animada em contraste com a voz fraca. Ele lutou para falar e conseguiu. Se eu fechasse os olhos e ignorasse as tosses, poderia confundir aquele encontro com qualquer outro que havíamos tido anteriormente. Talvez a memória esteja me traindo, mas tenho a certeza de que ele parecia mais forte a cada segundo. Quase como se esquecesse a doença.

Conversamos por horas sobre filmes e livros, tanto que os outros adultos ficaram entediados e foram saindo do quarto até ficarmos só nós dois. Nem notamos quando isso aconteceu.

No final do dia, pediu que eu abrisse a janela. A luz alaranjada do fim da tarde inundou o quarto.

— Olha só que coisa linda, Ick! — Ick é o apelido que ele criara para mim. — O sol se pondo é lindo. As cores, as sombras, tudo! Vou contar para você que, nos últimos dias, eu também tenho visto o sol nascendo e ele não fica para trás em nada. Ouça o que estou dizendo, eu deveria ter reparado nisso quando tinha mais

anos de vida pela frente. Aconteceu um espetáculo literalmente em cima da minha cabeça *todos os dias* e eu nunca reparei. Se eu pudesse fazer tudo de novo, nunca mais me esqueceria de apreciar o pôr do sol.

Eu não gostei da forma como ele se referiu à vida.

— Mas você ainda pode ver o sol se pondo, né? — falei. — Quando sair daqui você poderá fazer isso todos os dias, tio.

— Para com isso, Ick. — Tio Otávio estava muito calmo. — Acho que, pelo menos quando estamos a sós, podemos parar de fingir. Um homem sabe quando está morrendo. — Voltou a encarar a janela. — Sabe, Ick, eu não tenho medo da morte. Nada é mais estúpido do que ter medo de coisas inevitáveis. Você já viu alguém por aí correndo e gritando com medo do oxigênio? É a mesma coisa!

Forcei uma risada porque achei que isso era o que ele gostaria que eu fizesse. Nossos olhos se encontraram e tio Otávio continuou falando:

— Vou contar uma coisa, garoto. Se você tiver mais sorte do que eu, vai acordar um dia se sentindo um merda. Suas costas vão doer, sua pele toda estará enrugada e você não terá nem o luxo de ter dentes de verdade na boca. Só então você vai reparar nela pela primeira vez.

— Nela quem?

— Na vida. Vai reparar na vida como nunca fez antes. Mesmo com a memória em decomposição, daquele tipo que faz você esquecer até o nome dos netos, você vai lembrar de todas as suas escolhas, de momentos e de tudo a que já renunciou. A vida cobra, Ick.

Eu era novo demais para entender tudo o que ele estava dizendo, mas tio Otávio parecia animado em compartilhar suas epifanias, então deixei-o continuar:

— Vai chegar um dia, e eu sei que vai, porque acontece com todo mundo, em que você terá que decidir entre o mais seguro e o que

você realmente quer. As pessoas tendem a escolher o mais seguro, por razões óbvias. Seu pai é um bom exemplo disso. Sabia que ele queria ser nadador profissional? Provavelmente teria conseguido, com aqueles ombros largos de gigante holandês. Só que o seu pai achou melhor pensar, descobriu como é difícil ser atleta no Brasil, a dificuldade que é conseguir patrocínios e, então, desistiu. Sem ofensas, eu sei que ele é seu pai, mas nós dois sabemos que hoje ele deve ser a pessoa mais chata que já pisou na Terra!

Tio Otávio parou de falar e tossiu. O som não parecia humano, era próximo ao do motor de um carro velho lutando para funcionar. Levou um lenço à boca e, quando jogou no lixo, notei que estava sujo de sangue.

— E existe um sério problema em viver assim. — Voltou ao raciocínio de onde parara, como se não tivesse acabado de acontecer algo assustador. — Quando ele estiver velhinho, vai olhar para trás e fazer a mesma pergunta: “e se?”.

— “E se?”?

— Sim, Ick. A pergunta mais cruel da história da humanidade! Esses “e se” podem matar você! Haja o que houver, não deixe que os “e se” entrem na sua vida ou você estará condenado a sentir uma pequena agonia no lado esquerdo do peito para sempre!

Eu fingi que entendi o que tio Otávio quis dizer com o sermão e a conversa tomou outro rumo depois disso. Estávamos enumerando as razões pelas quais Paul McCartney era melhor do que John Lennon quando a enfermeira apareceu à porta avisando que o horário de visitas havia terminado. Ao me despedir, falei:

— Você vai ficar bem, tio.

— É como Bukowski disse: eu não me importo se vou viver ou não, só quero me livrar da droga desses aparelhos.

Charles Bukowski era seu escritor favorito.

– Tenho quase certeza de que Bukowski nunca disse isso.

– Ah, não? Bem, para mim parece algo que ele diria.

Eu ri.

– Tchau, tio.

– Tchau, Ick.

O quarto não estava mais pintado de laranja, tudo estava escuro. O pôr do sol tinha terminado.

Tio Otávio faleceu quatro horas depois.

Nós *sabemos* que vamos morrer, mas só quando acontece com alguém próximo *entendemos* o que realmente isso significa. É quando perdemos a ilusão de imortalidade que cultivamos. Não lidei bem. Olhava para as pessoas à minha volta e tentava descobrir como cada uma delas morreria. Comecei a ter crises estranhas no meio da rua, quando respirar ficava difícil e o meu coração acelerava. Pensava que morreria a qualquer momento, de qualquer jeito. Não confiava mais no meu próprio corpo, um amontoado de carne e sangue capaz de decidir se eu existo ou não. Uma vez, acordei de madrugada e fui até o quarto da minha mãe.

– Eu vou morrer – falei baixinho para não acordar meu pai, que dormia do outro lado da cama.

– Sim, mas não hoje – respondeu. – Deita aqui comigo.

E dormi.

Eventualmente, fiquei melhor. Todas as crises se tornaram lembranças distantes. Ainda sinto falta de tio Otávio, mas ele se transformou em uma memória boa.

Nenhum de nós sabia que aquela última conversa ajudaria a moldar a minha personalidade para o resto da vida.